

3 de Abril de 1937

DEPOIS DE HELENE

A guerra tinha durado dez anos. Helena já não era a mulher mais bela, já não era jovem, já não era a formosura por bem da qual os gregos morreram em luta. A guerra tinha destruído Troia e cansado durante dez anos, a atividade deles. Tudo isso por causa da futilidade das deusas de Olympo. Regressando a Sparta, Helena encontraria o seu povo cada vez mais dedicado à cultura da forma física, aos exercícios ginásticos, ao embelezamento corporal. Essa tendência natural do povo a criar sempre homens astuciosos e aptos para a guerra encontraria o seu maior legislador e animador em Lycurgo. Sparta sob Lycurgo teve a única preocupação do salvamento do Estado arruinado pela desigualdade de classe. A classe dominadora era uma pequena minoria. Pois bem, Lycurgo que é tido como um reformador político e um legislador equitativo fez realmente muitíssimo em proveito da cultura física do povo mas a verdade é que o seu código político tornava apenas a classe militar que era a aristocracia - classe dominante. Atrás desta vinham numerosas classes de escribas magistrados, legisladores, administradores, sacerdotes de funções decorativas e um mundão de gente gozando regalias enquanto os ilotas que se haviam rebelado sofriam a mais negra escravidão e os camponeses cultivavam a terra miseravelmente. O governo de Sparta era representado pelo senado dos anciãos, formado de 28 membros. Os reis que eram sempre dois, fiscalizavam-se mutuamente mas acumulavam funções de chefes e de sacerdotes. Depois

foi criada uma magistratura particular para vigiar os reis como delegados da assembléa que os escolhera. Decretaram a extinção do luxo, todos se vestiam igualmente, pelo menos nas ruas populosas das cidades. Proibiram as riquezas, nem mesmo moedas de ouro ou prata e sim pesadas e grosseiras moedas de ferro. Serviam as refeições em público, geralmente um caldo de legumes não muito saboroso mas de que se serviam os atletas à custa de exercícios físicos que lhe despertavam o apetite e de que se servia igualmente outras classes por imposição do govêrno. Dividiram o melhor que puderam as terras mas os ilotas gemiam na escravidão. O roubo era permitido desde que fôsse praticado com astúcia. Conta-se de um jovem que tendo roubado um coelho e o transportado debaixo da túnica, preferiu que o animal lhe roesse a barriga a descobrir no meio do povo o seu furto. As artes e as letras se votaram exclusivamente ao que interessasse a segurança da pequena pátria comum. Não valia a pena gastar-se tempo com as letras; adotaram o laconismo: até as palavras deviam ser poupadas. E como tudo passou a ter um valor e a ser sacrificado em favor do Estado as crianças foram computadas como valor econômico: os meninos débeis ou deformados eram sacrificados ao nascer e só os robustos tinham direito à vida. Então as crianças selecionadas ao atingirem sete anos de idade eram separadas de seus pais e passavam a ser educadas pelo Estado que as sujeitava a um regimen especial de cultura física e de embelezamento e destreza corporais. Muito diferente foi

entretanto a orientação dada por Solon. Este legislador cotejando organizações políticas e observando diretamente vários países que visitara traçou ao povo grego uma organização moderada. A legislação de Dracon por ser opressiva ao povo foi prescrita conseguindo acalmar muitas prevenções e rivalidades sociais. Criou responsabilidades de cargo para os ricos, dispensou de impostos as classes trabalhadoras e criou tribunais especiais de homens dignos para vigiar a vida pública da comunidade. Embora se apoiasse a legislação de Solon numa prosperidade de fundo material, duas diretrizes desviaram a civilização grega de descambar numa unilateralidade grosseira: o senso artístico a que se deu plena liberdade e o político que não foi perseguido pelo Estado.